



**CARTAS POÉTICAS: POTENCIALIDADES DA ESCRITA DE AUTORIA TRANS**

***CARTAS POÉTICAS: POTENCIALIDADES DE LA ESCRITURA DE AUTORIDAD  
TRANS***

***POETICAL LETTERS: POTENTIALITIES OF TRANS AUTHORITY WRITING***



Thomas Cardoso Bastos SANTOS<sup>1</sup>  
e-mail: thm.ceduc@gmail.com



Dayanna Louise Leandro dos SANTOS<sup>2</sup>  
e-mail: day.louisee@gmail.com



Pedro de Oliveira FONTES<sup>3</sup>  
e-mail: pedrofontes2022@outlook.com

**Como referenciar este artigo:**

SANTOS, Thomas Cardoso Bastos; SANTOS, Dayanna Louise Leandro dos; FONTES, Pedro de Oliveira. Cartas poéticas: Potencialidades da escrita de autoria trans. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, e023012, 2023. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v24iesp.1.18183>



| **Submetido em:** 15/02/2023  
| **Revisões requeridas em:** 22/04/2023  
| **Aprovado em:** 11/06/2023  
| **Publicado em:** 01/08/2023

---

**Editor:** Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro  
**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup> Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão – SE – Brasil. Mestrando em educação.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão – SE – Brasil. Doutoranda em educação.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão – SE – Brasil. Graduado em História.

---

**RESUMO:** O campo literário tem sido demarcado por escritas dispostas a (des) construir narrativas por intermédio de outras lentes, reposicionando experiências consideradas subalternas. Compreendida não apenas como expressão artística, mas também como linguagem atravessada por valores e discursos de cunho ideológico, a escrita cria ficção e produz memória. Partindo deste princípio, o presente trabalho tem por objetivo analisar narrativas literárias a partir da troca de correspondências entre os/as autores/as desta pesquisa e poetas transmasculinos. Com referência nos estudos produzidos por Anzaldúa (1980) e Mombaça (2021), discutiremos o potencial presente no encontro literário entre cartas e poesias, apresentando outras formas de produção de escrita, confrontando assim um dos pilares dos cânones literários: a cisnormatividade, além de fortalecer a política de alianças e agenciamentos em torno das experiências e saberes vinculados a transmasculinidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carta. Literatura. Memória. Transmasculinidades.

**RESUMEN:** *El campo literario ha sido delimitado por escritos dispuestos a (de)construir narrativas a través de otros lentes, reposicionando experiencias consideradas subalternas. Entendida no solo como una expresión artística, sino también como un lenguaje permeado por valores y discursos ideológicos, la escritura crea ficción y produce memoria. Con base en este principio, el presente trabajo tiene como objetivo analizar las narrativas literarias a partir del intercambio de correspondencia entre los autores de esta investigación y los poetas transmasculinos. Con referencia a los estudios producidos por Anzaldúa (1980) y Mombaça (2021), discutiremos el potencial presente en el encuentro literario entre letras y poesía, presentando otras formas de producción de escritura, confrontando así uno de los pilares de los cánones literarios: la cisnormatividad., además de fortalecer la política de alianzas y agencias en torno a experiencias y conocimientos vinculados a las transmasculinidades.*

**PALABRAS CLAVE:** Carta. Literatura. Memoria. Transmasculinidades.

**ABSTRACT:** *The literary field has been demarcated by writings available to (de)construct narratives through other lenses, repositioning experiences considered subaltern. Understood not only as an artistic expression, but also as a language permeated by ideological values and discourses, writing creates fiction and produces memory. Based on this principle, the present work aims to analyze literary narratives from the exchange of correspondence between the authors of this research and transmasculine poets. With reference to the studies produced by Anzaldúa (1980) and Mombaça (2021), we will discuss the potential present in the literary encounter between letters and poetry, presenting other forms of writing production, thus confronting one of the pillars of literary canons: cisnormativity, in addition to strengthened the policy of alliances and agencies around experiences and knowledge linked to transmasculinities.*

**KEYWORDS:** Letter. Literature. Memory. Transmasculinities.

## Introdução

*Correspondência*. substantivo feminino. Ato ou efeito de corresponder, de apresentar relação com outra coisa; reciprocidade.

### Caro público leitor,

As palavras contidas neste texto foram produzidas a partir das margens, das beiradas. Trata-se de uma escrita que encontra na política de alianças uma possibilidade de reconhecer as potencialidades daquilo que comumente chamamos de poéticas transmasculinas. Uma escrita coletiva que parte de diferentes lugares, saberes e experiências em direção a encruzilhada, território onde a produção literária é enfeitada por intermédio de riscos e rasuras.

Ao escrever uma carta direcionada às mulheres do terceiro mundo, Anzaldúa (1980) nos inquieta ao questionar a deslegitimação de sua escrita por não estar situada nos parâmetros outorgados pelas vertentes tradicionais, ou seja, relações desiguais de poder negavam-lhe direitos como escrita, memórias, referências e afetos. Assim, ao produzir narrativas em primeira pessoa, a autora reconhece o ato de escrever como sinônimo de resistência, estratégia outra de sobreviver.

Em “Cartas as que vivem e vibram apesar do Brasil”, Mombaça remete suas palavras a corpos que produzem contra movimentos, desafiando, assim, as normas impostas pela lógica da branquitude e do fundamentalismo cisgênero. Reconhecendo as contradições que se fazem presente neste jogo, a autora nos convida a reconhecer a potencialidade pelas vias da ancestralidade, “onde nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras e manifestam com sua dissonância, dimensões e modalidades de mundo que nos recusamos a entregar ao poder” (MOMBAÇA, 2021, p. 14).

A ação de escrever uma carta permite melhor compreensão de seus significados, sendo geralmente acompanhadas por emoções e sentimentos registrados por tempo indeterminado. Neste sentido, o presente trabalho busca contribuir na construção de um diálogo mediado pela escrita em suas mais variadas formas de expressão por intermédio de acontecimentos produzidos pelas experiências vividas (BATTISTELLI, 2017).

Partindo das cartas publicadas por Anzaldúa (1980) e Mombaça (2021) e da força metodológica presente neste formato literário, surge a proposta de cada autor/a deste trabalho direcionar uma correspondência a um poeta dissidente. O critério de escolha dos destinatários, assim como a contribuição de cada um deles para composição daquilo que pode ser compreendido enquanto poesia de autoria transmasculina, são descritos nas cartas como

veremos a seguir, assim como as respostas obtidas através dos três endereçamento (com exceção do texto direcionado *in memoriam*).

## Endereçamento I

### As vezes só um afeto dos nossos pode romper alguns silêncios.

Alagoinhas, 12/10/2022

Querido Esteban,

Tudo bem? Espero que estejas bem. Escrevo-lhe esta carta eufórico e radiante com a possibilidade de que este amontoado de palavras chegue até você. (Acho que já estou no quinto rascunho em meio às tentativas) gostaria que essa carta fosse escrita a punho, como feito antigamente, mas, me vi obrigado a usar a fonte Times. Preciso te dizer também que não sou muito de escrever cartas, as poucas vezes que me aventurei foi inspirado pelas paixões que me moviam.

Oh cara, preciso me desculpar por minha falta de formalidade, eu deveria ter me apresentado! Sou Thomas, nesse tempo me reconheço enquanto homem trans, sou de Alagoinhas fica a uns 120km de Salvador, conhece? Te conheci ao te ver no evento “Insurgências poéticas transmasculinas” em 2021 junto a fala do Bruno Santana (um amigo querido!) e Jomaka, poetas transmasculinos a quem eu tenho profunda admiração, assim como você! O que me fez lembrar o rumo desta carta, escrevo a ti pelo encantamento que tenho por seus escritos e tudo que eles significam. Ao ler “*Sal a gosto*” (RODRIGUES, 2018) suas poesias me apuram os sentidos, pude sentir o doce amor em teus versos, ouvir o barulho do mar e dor corroendo o peito.

#### **eu faço planos sem querer**

no dia que você se atrasou quase meia hora eu listei 13 coisas que eu gosto de reparar em você: seus olhos, sua boca, sua orelha aberta, seu sorriso, suas mãos, seu braço dobrado, seus seios, a cicatriz na sua perna, a forma que o cabelo cai sobre a testa, sua bunda, sua tatuagem, sua clavícula, suas combinações de roupa; eu lembrei do dia que saímos juntos e eu preto e branco e você toda estampada e é como eclipse no meio da natureza. eu gosto da gente (RODRIGUES, 2018, p. 47).

**O mar engoliu meu reflexo no espelho,**  
Meu dotes, meu berço, meu riso e meu choro  
O mar engoliu minha certidão, minha maresia, meu medo  
Os papéis em que escrevi  
Os poemas em que morri, revivi, sem ti, sem sentido  
(RODRIGUES, 2018, p. 9).

E o que dizer da obra “Com mãos atadas como quem pisa em ovos” (RODRIGUES, 2021)? É possível experimentar cada momento descrito por ti, a efervescência de suas experiências transbordando o real. O mais bacana é que você se afasta das formalidades, desbrava o amor, felicidades efêmeras e a dor que parece em comum com as minhas. Essa poesia que dialoga com os escritos da Kika Sena é de longe a minha preferida.

**[dura] re-vivência do que grita kika sena**

...  
um nó  
um  
nó  
e minha língua se tornou só um órgão  
eu não tinha mais nacionalidade

casa, cama canto  
eu fui apedrejado  
nos olhos, na boca, nos braços na carne  
eu fui queimado  
no dorso, no osso, rente ao que pulsa como uma mão cheia de  
sangue  
eu fui calado, açoitado diminuindo  
eu fui humilhado  
me puseram num tanque  
com tubarões há dias sem comer nada  
me puseram num tanque  
com tubarões há dias sem comer  
me puseram num tanque  
com tubarões  
me puseram num tanque  
e trancaram por fora  
(RODRIGUES, 2021, p. 42).

Sua literatura resulta em muitas inquietudes, desconfortos e por vezes sinto aproximações nos enfrentamentos, principalmente pela busca pelo reconhecimento de si. Tenho utilizado desses sentimentos para compor minha dissertação do mestrado, não tem sido fácil, mas, junto a algumas outras escrevivências transmasculinas tenho visto o trabalho florescer. Uma das escrevivências é sua poesia “Meninos que Choram” que está na obra “*Transmasculinidades Negras – Narrativas Plurais em Primeira Pessoa*” (SANTANA; PEÇANHA, 2021).

\*\*\*

quando Demétrio partiu  
foi como o fim de uma era  
para nós que carregamos  
seu rosto corpo dorso  
e choramos sozinhos

mas  
seguindo seus passos  
sempre que dá  
a gente para pra dançar

e amor, eu sei  
quando dói para respirar  
(RODRIGUES, 2021, p. 61-63).

Essa poesia dói profundamente, dói fisicamente inclusive, mas para além disso essa poesia é um sopro de esperança, um sopro forte! Pois acredito na potência de vida que a sua (re)existência pessoal e literária representa. É tão maravilhoso te ver, produzindo, escrevendo, o espaço que você ocupa é inspirador. Consegui ver uma pessoa transmasculina mostrando sua arte, rompendo com a lógica de silenciamento e apagamento de nossas existências nos faz acreditar em outros futuros possíveis, futuros onde continuaremos VIVOS!

porque querem continuar vivos  
porque querem continuar vivos  
porque querem continuar vivos  
porque querem continuar vivos

Maio, 2021. *In memoriam*: Demétrio Campos  
(RODRIGUES, 2021, p. 63).

Assim, preciso te agradecer, por dividir sua arte conosco e nos fortalecer com todo movimento que você faz. Obrigado! Suas palavras chegam, bagunçam e permanecem. Vou continuar te acompanhando daqui, lendo, compartilhando e orgulhoso de ver um homem trans fazendo tanto. Espero, de verdade, que um dia a gente possa se conhecer, tomar uma cerveja e papear sobre vida. Um forte abraço!

Thomas Cardoso.

**Não sei ser referência, quando quero ser afeto**

Salvador, 10/03/2022

Thomas,

Te escrevo com a felicidade que só nós conhecemos quando encontramos um dos nossos pelo mundo. Eu nunca saberei definir o gosto dos nossos encontros e dos nossos afetos. Quando

recebi a sua carta convite, senti minhas mãos formigarem de ansiedade. Não que fosse algo fora do comum, mas é que são tantos que se apoiam nas nossas produções sem devidamente sentirem o que sentimos, que quando recebi suas palavras, senti você sentado ao meu lado me convidando para criar novos mundos. É sempre assim que me sinto quando encontro gente como a gente. Te agradeço pelo cuidado com a minha poética, pela sensibilidade com que me encontrou e se fez presente nos meus dias. É importante quando sabemos que chegamos no outro. Esse tem sido um dos meus desafios, a partir do momento que viraram para mim e falaram “você é referência”. Não sei ser referência, quando quero ser afeto.

Gosto da ideia do abraço entre os nossos, da demonstração de carinho, da permissividade do toque e da proximidade, pois também a merecemos, e por isso falo sobre nós em toda nova poesia. Por ser importante sermos luta, mas mais ainda é sermos afeto. Por isso, o formigamento quando você chegou até mim. Por isso a felicidade de ter te encontrado no meio dessas andanças. Que bom que baguncei algumas coisas aí dentro. Gosto dessa sensação de inquietude que só a poesia provoca. Me interessa saber dos seus sentidos, das suas vontades, de como as palavras te afetam e o quanto você se vê no que eu escrevo. Que possamos nos encontrar por outras andanças. Que nosso afeto possa repercutir e encontrar outros transmasculines como nós. Que nos vejam, um dia, com nossos olhos.

Com dengo,  
Esteban R.

## Endereçamento II

### Escritas para Como Ver, Comover e Com Mover

Aracaju, 26 de novembro de 2022

Querido Caio Jade,

Escrevo esta carta com palavras localizadas abaixo da linha do Equador. Aqui, onde nossas vidas se somam na esperança de ressignificar narrativas e reconstruir um país devastado pelo ódio e pela intolerância, espero te encontrar cada vez mais vivo e indisciplinado. Confesso que ainda sinto o calor da ressaca democrática e acompanho com inquietude o bloqueio das rodovias e quartéis país a fora. Tenho dormido pouco e sonhado muito. Noite passada, troquei o conforto do travesseiro pela dissidência dos teus versos. Ode (o) à Masculinidade (JADE, 2020), poema escrito no auge dos teus 25 anos, me convidou a arrancar da paralisia e da

confusão formas outras de escrita, ainda que os espaços literários e acadêmicos se configurem enquanto lugares não-autorizados para as nossas letras, verbos, pronomes, dialetos, experiências, cheiros e intencionalidades.

Como nos adverte Mombaça (2021, p. 28) “Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que, uma vez aos pedaços, nós nos espalharemos. Não como povo, mas como peste: no cerne mesmo do mundo, e contra ele”. Se as instituições atribuem ao nosso corpo sentidos distintos, tua poesia não cansa de zombar deste famigerado aparato de produção de verdades que nos resume ao que temos “no meio das pernas”. “Dizem disforia, transtorno, síndrome, incongruência, deficiência, desvantagem; dizemos dissidência corporal [...] Dizem poder, dizemos potência” (PRECIADO, 2020, p. 389).

Acompanhar teus movimentos por entre tantas fronteiras me remete a outras formas de saber-fazer, reconhecendo a importância da palavra enquanto elemento de cura. Antídoto ou veneno? Não sei ao certo. Se “o próprio corpo é um campo de batalha”, não seria a literatura uma arma forjada na ancestralidade de quem nos permitiu ser esta composição feita de “aço e sonho fiando teias de sentidos raramente imaginados”? Tua escrita é feita de doses de ousadia a embaralhar a gramática normativa, conjugando verbos tão complexos e contraditórios quanto as feridas do tempo presente.

Se estamos distantes territorialmente, ao desbravar novas rotas, curar feridas abertas, saciar a fome coletiva de contar histórias a partir de outras lentes, acabo por esbarrar contigo na contramão de uma colonialidade discursiva disposta a nos contar “uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar com nossas vozes” (KILOMBA, 2019, p. 27).

Assim, recebo tuas palavras como quem arrisca passos e faz do tremor uma contradaça a partir de movimentos que nunca serão desvendados por inteiros, pelo contrário, são demarcados por um gingado que permite pontilhar rasgos de memórias ao desafiar a previsibilidade da história única que estrategicamente nos foi colocada como sentença. Obrigada por perturbar o sono de tanta gente. Gratidão por acalantar tantos sonhos adormecidos.

Dayanna Louise.



## Nós valemos muito mais

Campinas, 18 de abril de 2023

Querida Day,

É curioso revisitar os versos de “Ode(o) à masculinidade” (JADE, 2020), um poema escrito em 2016, e perceber como seus sentidos continuam circulando. Não se fecham.

Tenho pensado vozes trans como códigos abertos, permeáveis às transmutações, dançantes. Lembro da personagem de Octavia Butler que criou um culto, A Semente da Terra, cujo maior ensinamento era: Deus é mudança.

Tenho investigado a sacralidade em nós, aquela que o mundo tenta nos roubar. Uma sacralidade poética, instável, caótica, plural. Pro Ocidente colonialista, identidade é fixidez, ausência de mudança, permanência. Já pra outras tantas e diversas culturas do Planeta, quem somos se move junto com a vida. Tudo está se transformando, se movimentando, e isso não quer dizer que as coisas deixem de ser elas mesmas.

O que é uma contradição para uns, para outres é o ar que se respira, a água que corre, o fogo que transmuta, a terra que fecunda e o minério que se refaz. Bruto e doce. Instável e perene. Além das normas.

Reduzir nossas vidas a caixas que nos sufocam, espaços estreitos que nos matam, é uma cilada. Não vale. Nós valemos muito mais.

É nessa valorização que tentamos firmar morada. Recuperar o que nos foi e é tirado diariamente. Autoamor, autocura. Como você lembrou, entre o remédio e o veneno está a balança e a mão que escolhe a dose.

Que saibamos dosar.

Agradeço por todas as trocas que temos feito e espero que sigamos esses movimentos. Que a dança nunca cesse.

Com carinho,

Caio Jade.

### Endereçamento III

#### De um transmasculino, para um homem à frente do seu tempo

São Cristóvão, 14 de novembro de 2022.

A Anderson Herzer, o Bigode

Oi, Herzer, confesso que escrever uma carta para você não é uma tarefa muito fácil. Escrevo como se fosse alguém bastante próximo, na verdade, é assim que me sinto ao ler sua autobiografia “*A Queda Para o Alto*” (HERZER, 1982), a mesma que você não viu ser publicada e aplaudida por diversas pessoas, inclusive nós, transmasculinos. A vida, também lhe tirou isso...

Me peguei em muitos momentos pensando porquê escrever uma carta dirigida a você, justamente você. Penso que os motivos que me levam a realizar essa escrita, para além da identificação com sua história, é fazer com que sua poesia e história chegue a outras pessoas, que conheçam e sintam você, assim como eu senti... Para além da dor, das violências e da solidão na caminhada. Desejo que conheçam o Herzer poeta, o que escreve cartas e cartas de amor, o que se entrega por inteiro e que move montanhas para alcançar seus objetivos. Quero que seja lembrado, afinal, como poeticamente você mesmo disse: “Um homem jamais morre enquanto sua existência for recordada” (HERZER, 1982, p. 161).

Herzer, escrevo de um lugar de privilégio, embora minha (nossa) vivência esteja a todo momento ameaçada pelo (cis)tema, possuo a liberdade de esbravejar quem sou e como me sinto. A tentativa de nos encaixar em padrões aos quais não pertencemos, acaba nos matando e tirando a vida pouco a pouco, meu temor é que isso tenha acontecido com você. Ainda que eu esteja falando de outro lugar da história, essa tentativa de padronização permanece presente. E, apesar de em nenhum momento citar em sua autobiografia que era um transmasculino, você se afirmava enquanto homem, se sentia e se portava desta forma. Penso que busquei em sua escrita, estratégias e motivos para também seguir minha jornada. Nosso reconhecimento continua sendo um trabalho árduo até os dias de hoje.

Me deixa muito feliz perceber nas entrelinhas dos seus versos sua satisfação por ser tratado como homem, observar os seus amores e como estes representaram o que de melhor você pôde vivenciar:

O amor é encontrado em todos os cantos  
Sob o luar da noite  
Sob a luz do dia,

O amor está presente em todo coração, amor é luta, dor que não sangra, amor é ... poesia (HERZER, 1982, p.190).

Esse amor que te moveu e impulsionou a enfrentar tudo que lhe foi imposto, que lhe fez enxergar os pequenos prazeres da vida onde praticamente era impossível, é o que também me motiva a seguir.

Herzer, você abriu caminhos. Fico imensamente feliz por saber que muitas pessoas te olharam com afeto e te enxergaram para além do que estava posto, tiveram a possibilidade de vislumbrar o grande poeta e escritor que você é. Usarei sua história de vida para falar sobre nós, dos nossos afetos e desafios diários. Quero que sua poesia, assim como me inspirou, inspire também outras pessoas. Sei que não responderás essa carta em punho próprio, mas também tenho a certeza da tua presença em cada escrita transmasculina que insurge contra os pilares da literatura canônica.

Obrigado, Herzer.

Pedro Fontes.

### Considerações ao leitor...

Prezado público leitor,

Inicialmente, gostaríamos de advertir que esta carta não se trata de uma despedida. Tampouco foi escrita com a pretensão de trazer respostas imediatas a interrogações que se reconfiguram através do tempo. Pelo contrário. Nosso esforço é demarcado pela vontade de produzir rastros e pistas num campo de investigação que, em tempos tão áridos, se mostra cada vez mais fértil e instigante.

Refletir sobre uma escrita literária de autorias transmasculinas a partir da metodologia de cartas exige um esforço de compreender as contradições presentes nesta categoria. Se tal enquadramento apaga pluralidades presentes na constituição dos sujeitos, considerando que somos uma celebração móvel constituída por fragmentos de diversos “eus” sendo incapaz de ser unificada em uma amálgama coerente (HALL, 2011), o rótulo/adjetivo após o termo “autoria” remete a estratégia de agenciamento: “nomear é como eu faço minha presença conhecida, como eu afirmo quem e o que eu sou e como quero ser conhecida. Nomear a mim mesma é uma tática de sobrevivência” (ANZALDÚA, 2009, p. 164).

Neste sentido, as cartas endereçadas a Caio Jade e Esteban Rodrigues chegaram ao seu destino. Possivelmente, as respostas dadas provocam novas reflexões, movimento onde as

fronteiras presentes na relação entre sujeito e objeto são questionadas, rasuradas, borradas, retroalimentando uma engrenagem que possibilite ao imaginário social brasileiro reconhecer a potencialidade presente na escrita protagonizada por corpos dissidentes. Talvez, esse sonho acalentado seja a devolutiva da carta direcionada a Anderson Herzer que, através de seus escritos e experiências, possibilitou a existência desta e de tantas outras produções.

Fortalecendo o coro de descontentamento composto por Anzaldúa e tantas outras autorias que não aceitaram reproduzir o tom colonial presente nas produções literárias, Herzer forjou sua existência e auto nomeação através das letras, verbos e pronomes masculinos. O apagamento do seu nome na capa do livro publicado de forma póstuma não foi capaz de invisibilizá-lo. Sua escrita permanece viva, pulsante e provocativa, contribuindo de forma significativa no campo literário transmasculino.

Se é na coletividade que forjamos possibilidades de cuidado e emancipação política (SANTANA; PEÇANHA; GONÇALVES, 2021), a circulação destas correspondências provoca rachaduras epistemológicas ao reposicionar corpos trans tanto na produção de conhecimento acadêmico quanto literário. Assim, a poética transmasculina apresentada/discutida nas cartas publicadas neste trabalho pode ser instrumento de efetivação de micro-ações políticas cotidianas, disputando o imaginário social ao propor valores e atitudes alicerçadas numa visão crítica e emancipatória, além de instigar resistências tão necessárias em tempos de avanço do neoconservadorismo e dos discursos de ódio.

## REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revistas Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 1980. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 05 maio 2022.
- ANZALDÚA, G. Queer(izar) a escritora – Loca, escritora y chicana. In: KEATING, A. L. (ed.). **The Gloria Anzaldúa Reader**. Tradução: Tatiana Nascimento. Durham: Duke University Press, 2009. p. 163-175.
- BATTISTELLI, B. M. **Cartas-grafias: entre cuidado, pesquisa e acolhimento**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2011.
- HERZER, A. **A Queda para o Alto**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1982.
- JADE, C. Ode (o) à masculinidade. **Revista Transviades**, v. 1, n. 1, p. 38, 2020. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/>. Acesso em: 3 ago. 2022. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.files.wordpress.com/2020/07/revista-estudos-transviades-v.-1-n.-1-jul.-2020.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- KILOMBA, G. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- PRECIADO, P. Dizemos Revolução. In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- RODRIGUES, E. **Com mãos atadas e como quem pisa em ovos**. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros, 2021.
- RODRIGUES, E. **Sal a gosto**. Brasília, DF: Padê editorial, 2018.
- SANTANA, B. S.; PEÇANHA, L. M. B.; GONÇALVES, V. G. **Transmasculinidades negras: narrativas plurais em primeira pessoa**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021.

### **CRedit Author Statement**

---

**Reconhecimentos:** Não aplicável.

**Financiamento:** Pesquisa em parte financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.

**Aprovação ética:** Por se tratar de um estudo de revisão de literatura, não houve necessidade de apreciação ética.

**Disponibilidade de dados e material:** Os dados e materiais utilizados no trabalho estão disponíveis para acesso, sob solicitação com justificativa pertinente e razoável.

**Contribuições dos autores:** **Thomas Cardoso Bastos Santos**, foi responsável pela elaboração e execução da pesquisa, bem como pela redação e revisão final do texto. **Dayanna Louise Leandro dos Santos**, foi responsável pela elaboração e execução da pesquisa, bem como pela redação e revisão final do texto. **Pedro de Oliveira Fontes**: foi responsável pela elaboração e execução da pesquisa, bem como pela redação e revisão final do texto.

---

**Processamento e editoração:** Editora Ibero-Americana de Educação.  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

